

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E  
COMUNICAÇÃO

**LILIANE CRISTINA TORRES REBELO**

**O afeto na produção cultural: estudo de caso do  
espetáculo “O evangelho segundo Jesus, Rainha do Céu”**

**São Paulo**

**2019**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E  
COMUNICAÇÃO

**O afeto na produção cultural: estudo de caso do  
espetáculo “O evangelho segundo Jesus, Rainha do Céu”**

**Liliane Cristina Torres Rebelo**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado para obtenção do título de  
Especialista em Gestão de projetos  
culturais.

**Orientador: Prof. Dr. Silas Nogueira**

São Paulo

2019

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus professores do Celacc - que tanto me ensinaram – e, em especial, ao Prof. Silas Nogueira por acreditar na minha pesquisa sobre o tema e por me orientar neste trabalho.

Ao British Council, organização com a qual tive a honra de trabalhar por 12 anos, pelo espaço rico que propiciou o meu desenvolvimento profissional e pelo apoio que me foi dado para que eu realizasse os meus estudos no Celacc.

À Jo Clifford pela sua generosidade e amizade, pela qual sempre zelarei, e pela sabedoria compartilhada comigo.

À Natalia Mallo pela parceria, confiança e carinho que sempre buscamos e encontramos uma na outra.

À Renata Carvalho pelos valores de humildade, garra, talento e amor que ela carrega e compartilha com os que cruzam o seu caminho e seu trabalho.

Aos familiares e meus sogros, por estarem sempre ao meu lado observando os meus passos e celebrando comigo as vitórias.

Ao meu amor, Jonas, pelo apoio, compreensão, força e lealdade.

À minha mãe, Helena, por ser a fonte mais infinita de amor que conheci; sem ela, eu não saberia o que é a vida.

# O AFETO NA PRODUÇÃO CULTURAL<sup>1</sup>

Liliane Cristina Torres Rebelo<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo propõe uma reflexão acerca de um tema necessário no campo da produção cultural: o afeto, entendendo-o, a partir de intensa reflexão feita por Muniz Sodré, como estratégia de mediação que permite pensar em novas lógicas de representação de minorias na produção artística e cultural. Propõe-se pensar o conceito de minorias como dispositivos simbólicos que visibilizam questões ético-políticas na produção cultural sob a perspectiva do sujeito excluído. Tendo como base estudos sobre as formas de afeto, seja como instrumento de mediação sensível e aproximação seja como de supressão e manipulação, a pesquisa traz como estudo de caso a obra “O evangelho segundo Jesus, Rainha do Céu”, escrita pela dramaturga escocesa Jo Clifford, traduzida e dirigida por Natalia Mallo e protagonizada por Renata Carvalho, atriz travesti brasileira. Apesar de ter o afeto e a corporeidade como objetos chave desta pesquisa, a mesma procura trazer elementos importantes para a compreensão mais ampla do tema, tais como o da sexualidade, autoridade, poder e controle, tão relevantes nas discussões do campo do sensível.

**Palavras-chave:** Afeto. Minorias. Emoção. Corporeidade. Poder. Corpo.

**Abstract:** This article proposes a reflection about a necessary theme in the field of cultural production: the affection, understanding the subject as of an intense reflection made by Muniz Sodré as a mediation strategy that allows to think in new logics of representation of minorities in the artistic and cultural production. The proposal is to think about the concept of minorities as symbolic devices that envisage ethical-political issues in cultural production from the perspective of the excluded subject. Based on studies about the forms of affection, be it as an instrument of sensible mediation and approximation or as suppression, this research brings as a case study the piece “The Gospel According to Jesus, Queen of Heaven”, written by the Scottish playwright Jo Clifford, translated and directed by Natalia Mallo and acted by Renata Carvalho, Brazilian transvestite actress. Despite having the affection and corporeity as key objects of this research, this article seeks to bring elements that are important to a broader understanding of the subject, such as sexuality, authority, power and control, so relevant in the discussions of the sensitive field.

**Key words:** Affection. Minorities. Emotion. Corporeity. Power. Body.

**Resumen:** Este artículo propone una reflexión acerca de un tema necesario en el campo de la producción cultural: el afecto, entendiéndolo, a partir de reflexiones

---

<sup>1</sup> Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Gestão de projetos culturais.

<sup>2</sup> Pós-graduanda em Gestão de projetos culturais do Cellac-USP, <lilirebelo@yahoo.com.br>.

intensas realizadas por Muniz Sodré, como estrategia de mediación que permite pensar en nuevas lógicas de representación de minorías en la producción artística y cultural. Se propone pensar el concepto de minorías como dispositivos simbólicos que visibilizan cuestiones ético-políticas en la producción cultural bajo la perspectiva del sujeto excluido. Como base, estudios sobre las formas de afecto, sea como instrumento de mediación sensible y aproximación o como supresión y manipulación, la investigación trae como estudio de caso, la obra de teatro "El evangelio según Jesús, Reina del cielo", escrita por la dramaturga escocesa Jo Clifford, traducida y dirigida por Natalia Mallo y protagonizada por Renata Carvalho, actriz travesti brasileña. A pesar de tener el afecto y la corporeidad como objetos clave de esta investigación, la misma procura traer elementos importantes para una comprensión más amplia del tema, tales como sexualidad, autoridad, poder y control, tan relevantes en las discusiones dentro del campo de lo sensible.

**Palabras clave:** Afecto. Minorías. Emoción. Corporeidad. Poder. Cuerpo.

*Pois em verdade vos digo, por ser uma verdade indubitável.*

*Toda cultura de todo lugar e tempo tem conhecimento de nós e nos celebra. Exceto esta.*

*E eu não compreendo porque hoje, nos infimos lugares desta terra atormentada, onde ostentamos abertamente quem somos, devemos tão frequentemente viver à margem das ruas como meretrizes e prostitutas.” (O EVANGELHO..., 2009).*

## **1. INTRODUÇÃO**

O reconhecimento e a percepção da diversidade têm sido tema central em debates na área cultural, cada vez mais demarcada por espaços que delimitam as representações estéticas e por grupos conservadores que censuram e vigiam as manifestações artísticas. Os inúmeros conflitos e desigualdades sociais, assim como a luta de representação de grupos subalternos e dissidentes na garantia de direitos básicos, apontam para a ausência de espaços que permitam e estimulem os diálogos interculturais na relação com o diverso.

As minorias, ou os grupos minorizados, acabam por ocupar a margem da produção cultural em espaços e festivais artísticos regulares e consagrados. Nos últimos anos, pode-se observar um esforço maior desses grupos em serem validados como formas de representação e existência, lutando para não serem meras formas de apropriação da diversidade manipuladas pela mídia e por grupos de poder.

Na contramão desse movimento ativo de minorias, grupos com fins hegemônicos abusam das relações de poder para violar a Constituição, a liberdade de expressão, propagar o ódio e ignorar a existência da diferença, suprimindo esses espaços de representatividade com atos de censura e opressão, colocando em questão uma suposta moral da arte.

Um agravante são os retrocessos ocorridos na eticidade das nossas relações, ou seja, na vigilância de uma espécie de ética individual daquilo que se julga no outro como diferente a partir do próprio imaginário de imagens e experiências pautadas pelo medo e pela ignorância ao diferente. Na esfera política e civilizatória, os direitos humanos, culturais e sociais - garantidos pela Declaração dos Direitos Humanos -

perderam sua legitimidade no coletivo e no individual, influenciados por uma onda de conservadorismo sem precedentes.

Os grupos identitários e os movimentos sociais (indígenas, LGBTQ, negros e mulheres) estabelecem seus atos de resistência e militância, buscando o direito da representação de suas identidades singulares e coletivas consideradas minorias, entretanto, são vítimas de processos de opressão, exclusão e supressão de direitos básicos. Sobre esse tema, Sodré vai dizer que:

O que move uma minoria é o impulso de transformação. É isso que Deleuze e Guattari inscrevem no conceito de “devir minoritário”, isto é, minoria não como um sujeito coletivo absolutamente idêntico a si mesmo e numericamente definido, mas como um fluxo de mudança que atravessa um grupo, na direção de uma subjetividade não capitalista [...] (SODRÉ, 2006, p. 2).

E é no âmbito dessas minorias que a escolha desse artigo foi a de estabelecer uma relação entre o afeto e um corpo trans – carregado de sua manifestação social, política e artística –, dando voz a um assunto estigmatizado e urgente por meio do estudo de uma obra de teatro.

O protagonista da peça é Jesus Cristo, também conhecido como Jesus de Nazaré, figura central do cristianismo, e por muitos chamado de filho de Deus. A narrativa escrita por Jo Clifford, e protagonizada por Renata Carvalho na versão brasileira, propõe imaginá-lo retornando nos dias de hoje em um corpo travesti, suscitando uma reflexão sobre o amor e a transfobia, provocando um debate necessário à sociedade global e especialmente caro ao Brasil, que lidera os números de homicídio a transexuais no mundo. De acordo com o Dossiê dos Assassinatos e da Violência contra Travestis e Transexuais no Brasil, em 2018 (Associação Nacional de Travestis e Transexuais - ANTRA, 2019), o país liderou o ranking internacional de assassinatos com 41% dos crimes no mundo, seguido do México, que ocupa o segundo lugar. O estudo revela que, no ano de 2018, foram registrados 163 assassinatos de pessoas trans no país.

Desde 2016, quando estreou no FILO-Festival Internacional de Londrina, a obra vem sofrendo perseguições, ações judiciais e atos de censura por grupos e líderes autoritários, motivados por fins políticos e religiosos.

Diante das inúmeras ameaças recebidas pela produção do espetáculo e dos atos de censura que a arte vem sofrendo no Brasil, a necessidade de criar e fortalecer espaços saudáveis de diálogo nunca foi tão evidente, logo, obras como “O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu” representam os dispositivos necessários para sensibilizar públicos de todas as camadas da sociedade, instituições e o poder público para a questão da transfobia.

Diante de tal fato, o trabalho colocou em xeque questões até então pouco discutidas, como a representatividade “trans” nas artes e a importância da qualidade de representação de identidades e corpos dissidentes no teatro; além disso, fez uso do poder da arte para gerar uma reflexão ao jogar luz sobre questões sociais sensíveis por meio de impactos estético-políticos. A peça convoca o público a pensar que se faz necessária uma mudança cultural na sociedade brasileira quanto à percepção e aos estigmas sociais que sofrem os corpos excluídos e, portanto, privados de direitos, como é o caso do corpo travesti. Nas palavras de Renata Carvalho<sup>3</sup>, atriz que protagoniza Jesus na obra O evangelho, “o afeto é um privilégio cisgênero”<sup>4</sup>. Em entrevista concedida para fins de pesquisa deste artigo, Renata comenta:

*Eu digo que o afeto é um privilégio cisgênero. O corpo trans, o corpo transvestigênera<sup>5</sup> não foi feito para receber afeto, ele não sabe o que é isso, ele não conhece isso, porque o corpo travesti é expulso da escola, da família, é expulso do mercado de trabalho, não é aceito no mercado formal, além de trabalho, na saúde, tem uma evasão escolar muito forte porque esse corpo só recebe porrada, só recebe exclusão devido a tanto estigma, tanta coisa que está incrustada nesse corpo [...] (informação pessoal)<sup>6</sup>.*

O impacto do contato e da emoção, causada pela experiência da apresentação teatral, evoca alguns sentimentos de reação afetiva e sensível, resultado do filtro dos canais receptores que decodificam as percepções e imagens individuais. Por essa razão, o presente artigo, em consonância com alguns pensamentos e estudos sobre

---

<sup>3</sup> Renata Carvalho é fundadora do Movimento Nacional de Artistas Trans (MONART) e do Manifesto Representatividade Trans.

<sup>4</sup> Termo usado para se referir à pessoa que se identifica com seu gênero de nascimento.

<sup>5</sup> Segundo Renata Carvalho, é um termo cunhado pelas ativistas Érika Hilton e Indianara Siqueira, que abarca homens e mulheres trans (que não se identificam com seu gênero de nascimento), bem como travestis.

<sup>6</sup> Entrevista concedida por Renata Carvalho, por telefone, à autora em 05 de fevereiro de 2019.

o assunto, parte da ideia do comum para chegar ao conceito de afeto, que traz em seu núcleo o sentir. A ideia de afeto como instrumento facilitador de um diálogo cultural, plural e harmônico significa apurar o olhar ao outro em sua singularidade, reconhecendo-o no lugar do comum, ou ainda desconstruindo padrões e classificações que o regulem. Na esfera do sentir, expandem-se os sentidos para a conexão entre espírito e corpo. Para Sodré:

[...] alma e corpo são a mesma coisa, apenas manifestada de formas diferentes, tendo a corporeidade relevância e precedência, uma vez que a alma é sua ideia ou a sua representação. É a capacidade de associação entre ideia e corpo que suscita a imaginação. Esta se eleva no plano do conhecimento e faz da corporeidade uma potência afirmativa do ser. (SODRÉ, 2006, p. 10).

Observa-se, também, que o sensível em sua essência de compreensão e convivência não mediada, mas naturalmente praticado nas trocas entre os sujeitos, é deixado de lado ou usado como forma de dominação em várias esferas da vida, como, por exemplo, na mídia. Os dois lados de análise das representações do afeto são necessárias para perceber que o que constrói também destrói e que, portanto, há de haver uma melhor vigilância do consumo diário dos símbolos e imagens que normatizam e criam experiências sensoriais e emotivas contrapostas à da razão.

A comunicação e a compreensibilidade foram objetos de estudo de vários estudiosos pelo seu caráter racional, técnico e afetivo e por serem transmissores receptores de conteúdo operando por meios como a televisão, o rádio e ao vivo. Destaca-se, neste artigo, o viés do afeto provocado pela fala nesse contato verbal e corporal, que, com sua legitimidade, desloca espaços de percepção e conforto individual. A presença física e real traz essa camada de deslocamento e confrontação nas percepções dos sujeitos, cujas vozes e existências parecem não poder ocupar o mesmo espaço.

Sodré menciona Marshall McLuhan (2006, p.19) com sua famosa defesa de que o meio é a mensagem para falar que a mensagem está na própria forma de comunicação, na matriz formada que carrega as significações. Nesse sentido, a forma teatral e a oralidade, em suas poderosas interações diretas e pessoais, tornam-se um

meio de contato potente na troca de vivências e conhecimentos, operando como um dispositivo afetivo.

Na obra escrita por Jo Clifford, o protagonismo de Jesus Cristo e toda a sua legitimidade universal conferem um ar profano na leitura de trechos do Evangelho, propondo a reflexão do amor ao próximo. Quando perguntada sobre a relação do texto com o amor, a dramaturga responde:

*É claro que a peça é sobre o amor, porque Jesus foi um exemplo de amor e porque ele disse: ame o seu Jesus como a você mesmo, ame a seu próximo como a você mesmo, amem uns aos outros como eu amei vocês, e ele nunca disse, ame seu próximo como a você mesmo a menos que eles sejam transexuais, ou gays, ou negros ou qualquer outra coisa. (informação verbal)<sup>7</sup>.*

Aqui, cabe mencionar a paixão como um sentimento estimulado e manifestado pelas vias afetivas e que opera em conjunto com a razão e com a emoção. Desde a Idade Média, a paixão tem sido objeto de estudo relacionado ao afeto e à afeição por muitos pensadores considerados sinônimos ou estados similares. Ainda, Sodré destaca que, para o grande filósofo grego Aristóteles (Livro 11, 1377B apud SODRÉ, 2006, p.27), "as paixões são todos aqueles sentimentos que alteram os homens, a ponto de afetar seus juízos e vêm acompanhados de dor e prazer, como a ira, a compaixão, o medo e seus opostos".

Falar sobre o afeto predispõe uma reflexão sobre o campo do sensível e sobre as possíveis definições filosóficas, psicanalíticas e, sobretudo, humanas acerca do assunto, além de aventar a possibilidade de estudarmos um campo potente que independe e está separado do campo da razão. É preciso adentrar o universo do sentir, da *aisthesis* estudada por Perniola, que entendia que era pelo plano do sensível que a sociedade dominava o poder (PERNIOLA, 1993 apud SODRÉ, 2006, p.11).

É importante destacar que a própria interpretação da palavra afeto traz implicações para o entendimento mais amplo do significado linguístico no âmbito global. Na entrevista concedida por Jo Clifford para esta pesquisa, a dramaturga alerta

---

<sup>7</sup> Entrevista concedida por Jo Clifford à autora em 17 de outubro de 2018, em São Paulo. As questões podem ser consultadas no Apêndice A.

para o fato de que a palavra afeto não existe na língua inglesa e que afeição, ou *affection*, tem significados completamente diferentes. Para a autora escocesa:

*Isso diz muito de como a língua inglesa tem sido usada no mundo, diz muito sobre como a Grã Bretanha tem se visto no mundo, não como fonte de amor mas como uma fonte de poder, como uma ferramenta de conquista, de dominação do mundo natural, de outras nações, outros países, e claro, de dominação de nós mesmos. (informação verbal)<sup>8</sup>.*

Sodré (2006, p. 28) descreve que a afeição, ou afecção, provém de *affectus*, ou *affectio*, e está relacionada à mudança de estado causada por uma ação externa que, por consequência, provoca a emoção, tão presente nos fenômenos sensíveis.

Em linhas gerais, afeto pode muito bem equivaler à ideia de energia psíquica, assinala por uma tensão em campos de consciência contraditórios. Mostra-se, assim, no desejo, na vontade, na disposição psíquica do indivíduo que, em busca de prazer, é provocado pela descarga de tensão (SODRÉ, 2006, p. 29).

No campo dos termos mais comuns da afetividade, a emoção é um importante elemento de estudo, uma vez que está associada a mudanças e movimentos. A emoção pode ser entendida então como algo que abala, mexe e desloca um estado, como na experiência afetiva. No estudo de caso deste artigo, a emoção da narrativa contada amplia as vias de afeto e provoca estados de empatia e de amor ou de tensão e de revolta, à medida que desloca os sentimentos e os dispositivos de reconhecimento de símbolos estigmatizados ou normatizados.

Para Jo Clifford, faz-se necessário pensar sobre o sofrimento e sobre a angústia sentida pelas pessoas, todo o estresse e o sofrimento causados. Entre as diversas funções dessa peça, Jo comenta: “é preciso seguir, encontrar maneiras diferentes de entendermos uns aos outros [...]. [...] as pessoas só odeiam aquilo que

---

<sup>8</sup> Ibidem.

elas conhecem como sendo de dentro delas e que não conseguem suportar [...]” (informação verbal)<sup>9</sup>.

Já a emoção, por sua vez, é um fio condutor do afeto que opera pelas sensações, e não pelos processos da razão pelo lado do intelecto.

*[...] a razão é uma outra ferramenta de entendimento, está no sentido de dominação, então se algo acontece a você, se você tem um sentimento empolgante por exemplo, você quer entender para poder controlar [...] na afeição você tem que se doar para esse sentimento, tem que liberar todo o seu sentido de controle, você apenas tem que estar lá no sentimento, sem qualquer desejo por nada acontecer, sem qualquer desejo de mudar nada. Apenas estar lá nesse profundo e lindo amor e mais que amor, que é afeto. (informação verbal)<sup>10</sup>.*

---

<sup>9</sup> Entrevista concedida por Jo Clifford à autora em 17 de outubro de 2018, em São Paulo. As questões podem ser consultadas no Apêndice A.

<sup>10</sup> Ibidem.

## 2. O AFETO NO PODER

A arte, em sua possibilidade de legitimar a representação, deve gerar espaços de compreensão e de convivência para com a pluralidade de identidades, além do dever de estar atenta a uma revisão constante das definições do termo minoria e dos espaços que legitimam a fala. Logo, é possível afirmar que a arte tem o poder de estabelecer uma relação afetiva com todo o processo de gestão cultural, questionando e deslocando posições de privilégio. Assim, observa-se que as formas de opressão, moralização e violência simbólica são normatizadas pelo poder de instituições reguladoras da sociedade, sendo ferramentas usadas para não legitimar a diversidade, desafiando as formas afetivas.

Stuart Hall (2003, p. 59) vai dizer que a globalização contemporânea é “[...] processo homogeneizante nos termos de Gramsci. Entre seus efeitos esperados, estão as formações subalternas e as tendências emergentes que escapam a seu controle, mas que ela tenta homogeneizar ou atrelar a seus propósitos”.

As estratégias sensíveis e mediações de afeto acabam que por contribuir para promover a convivência das diferenças, abrindo espaços de diálogo e desconstruindo disputas de narrativa, gerando, assim, um deslocamento das estruturas sociais e de poder. Os signos religiosos utilizados no espetáculo “O evangelho segundo Jesus, Rainha do Céu”, somados a esse deslocamento, tornam-se uma verdadeira afronta às estruturas de poder. No cenário político e polarizado atual, as forças conservadoras em ascensão e os discursos fundamentalistas e de ódio naturalizados geram reações na forma de contranarrativas - muitas vezes, baseadas em *fake news* e desconhecimento da obra -, que tentam suprimir essas vozes e eliminar esse corpo trans da cena, em um movimento que reflete e perpetua tanto práticas violentas históricas quanto estruturais. Tais práticas acabam por ameaçar, também, a autonomia e a disponibilidade para o risco e para a provocação em outros atores do setor cultural, gerando autocensura e censura prévia em instituições e apreensão em curadorias, programações e editais de financiamento quanto às temáticas que encontrarão espaço e recursos para poder vir a público.

Segundo Sodré, é preciso o estabelecimento de práticas ético-políticas para a aceitação da diversidade, de forma a quebrar com a lógica da comparação existente

apenas para a dominação e para o exercício de poder. Ele coloca que o preconceito “é um saber automático do outro” e que o processo de comparação ocorre para poder discriminar (A IGNORÂNCIA..., 2011).

Quando perguntada sobre como se sentia em relação aos atos de censura e ameaças sofridas pela obra “O evangelho segundo Jesus, Rainha do Céu”, Clifford comenta que é impressionante a repulsa e a revolta de algumas pessoas com a peça, especialmente entre as pessoas que não assistiram ao espetáculo. A autora menciona a notável diferença entre os cristãos que não viram a peça - e a criticaram - daqueles que ficaram extremamente tocados pela mensagem que a obra carrega.

*Às vezes o amor inspira o ódio, e é esse um tipo de homenagem ao poder da peça. E talvez seja inevitável quando alguém escreve algo poderoso, as pessoas vão odiar na mesma intensidade que vão amar depois. (informação verbal)<sup>11</sup>.*

### **3. CORPOREIDADE NAS REPRESENTAÇÕES AFETIVAS**

Para Sodré, o corpo como veículo de instrumentalização dos sentidos e emoções é um elemento importante na análise das relações e interações humanas. O filósofo considera o corpo como o lugar dos afetos, constatando “a manipulação tecnocrática do corpo e todas as reinterpretações funcionais da corporeidade. É dentro deste horizonte que o afeto é capturado, ora pela produção, ora pelo consumo” (SODRÉ, 2006, p. 61).

A dramaturgia de Jo Clifford, ao colocar em jogo o corpo e a vivência trans/travesti em diálogo com os signos cristãos, produz um deslocamento importante. Aquele corpo excluído, fetichizado e violentado pela sociedade, ausente da vida pública à luz do dia, reaparece como protagonista e porta-voz de sua própria história e passa a ocupar espaços validados para o público, como instituições renomadas da cultura e festivais internacionais. O caso da obra tem sido veiculado também nos meios de comunicação, aparecendo nos principais jornais do país, no rádio e na TV.

---

<sup>11</sup> Entrevista concedida por Jo Clifford à autora em 17 de outubro de 2018, em São Paulo. As questões podem ser consultadas no Apêndice A.

A infinita e imediata expressividade do corpo leva à suposição de que o poder ativo e passivo das afecções ou dos afetos, além de preceder a discursividade da representação, é capaz de negar a sua centralidade racionalista, seu alegado poder único (SODRÉ, 2006, p. 24).

No caso de uma peça de teatro, por exemplo, o corpo tem papel importante na ação e na emoção corporal e sensível, sobrepondo-se até à própria narrativa contada. Na obra estudada, o corpo que representa Jesus traz à tona um corpo estigmatizado no consciente e inconsciente da sociedade e, portanto, no público que assiste ou tem contato com o trabalho. Sodré (2006, p. 24) comenta sobre essa tal suposta relação entre o afeto e o teatro, afirmando que “fatores como ritmo, tempo, entrosamento, energia, gesto e corpo sobrepõem-se à literalidade da peça”.



Figura 1 – Renata Carvalho em performance da peça “O evangelho segundo Jesus, Rainha do Céu”. Fonte: produção do espetáculo, sem data. Cessão de uso da imagem para fins acadêmicos e não comerciais.

Em tempos em que a razão predomina e se faz valer de padrões hegemônicos normatizadores, o afeto fortalecido pela intuição apresenta uma forma de viver em aceitação com a diferença. Aceitação não do outro, mas de si mesmo, como ser

pensante e com um arcabouço de experiências e de traumas, em sua maioria afetivos, que rege o senso de julgamento e de percepção do mundo.

Sodré reflete acerca do afeto e da sensibilidade nos processos de comunicação, colocando em xeque a dominância do racionalismo. Citando o filósofo Kant, que acreditava que a sensibilidade era uma das fontes do conhecimento humano, Sodré (2006, p. 22) chama a atenção para a presença da sensibilidade na mídia, especialmente na Publicidade e Propaganda, pela manipulação dos afetos. Segundo ele, a comunicação atual não se restringe unicamente ao desenvolvimento pelas imagens e mensagens, mas também pelas emoções e pelo corpo. Corpo esse sendo uma nova experiência estética na sociedade da comunicação, centrada tanto em sua sensorialidade ou afetividade – *aisthesis* – quanto na catharsis, mediante autossatisfação, como moeda para a globalização financeira (SODRÉ, 2006, itálico do autor).

É na realidade uma preocupação com o que está aquém ou além do conceito, isto é, com a experiência de uma dimensão primordial, que tem mais a ver com o sensível do que com a razão. Por exemplo, a dimensão da corporeidade, uma vez que sentir implica o corpo, mais ainda, uma necessária conexão entre espírito e corpo. (SODRÉ, 2006, p. 23).

Nos estudos de Foucault (2013), a corporeidade ganha peso e releva uma construção muito importante sobre o poder, controle e força atuantes no corpo, sobre os quais o filósofo discorre no capítulo 1 da obra Vigiar e punir: os corpos dóceis.

As táticas de disciplina usadas desde o século XVII, e de forma mais acentuada no século XVIII - com vários dos processos de dominação, da escravidão à modernidade -, tornam-se formas de controle sobre a sociedade e sobre a individualidade do ser.

O corpo, como representante único e legítimo da identidade de um ser, configura-se como um ato político no sentido de existir e de se fazer reconhecer pelo outro. Com as formas de controle, e até mesmo de coerção, que atuam na regência dessa disciplina, o corpo, para Foucault (2013, p. 2), estará sempre submetido a uma dinâmica de utilidade x docilidade.

Assim, estabelecendo um paralelo com o corpo trans, Renata Carvalho reforça a questão comentando: “Nós não temos o direito a ter afeto, esse corpo não foi feito

para receber, e sim só para dar, para servir, ao sexo, fetiches, taras, enfim...” (informação pessoal)<sup>12</sup>.

Haveria, então, uma espécie de mecânica do poder que agiria por meio de instituições disciplinares como, por exemplo, o exército, a igreja e o próprio Estado. O controle se intensifica à medida que classifica, diferencia, julga e regula o certo e o errado, ditando regras, em uma desenfreada dominação física e simbólica.

Ainda sobre o corpo, Foucault (2013, p. 2) descreve-o como sendo “[...] o objetivo de investimentos tão imperiosos e urgentes; em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poder muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações”.

Portanto, ao estabelecer uma relação dessa comunicação coercitiva com o corpo trans, reforça-se e entende-se a reflexão de Jo Clifford, quando da entrevista realizada para pesquisa deste artigo, sobre o corpo trans sentido e percebido como sendo causador de vergonha e de medo. Para a dramaturga escocesa, que tem mais de 80 obras escritas e realizou a transição de sexo aos 55 anos, a escrita dessa peça, que coloca Jesus em um corpo trans, transpõe a necessidade de imaginarmos o que seriam as palavras de Cristo nos dias de hoje.

Nas palavras de Jo Clifford, traduzidas para o português: “Convencionalmente a sociedade me ensinou que eu deveria esconder do mundo que eu me tornei uma mulher, esconder do mundo o fato de ter nascido homem, reforçando que meu corpo era fonte de vergonha, algo pra ser escondido” (informação verbal)<sup>13</sup>.

Já na análise genealógica proposta por Foucault, a relação entre poder e sexualidade é um tema que analisa o panorama da institucionalização da normalidade de gênero. O binarismo, tão defendido como padrão pela ciência médica e psicanalítica, definiu que qualquer identidade de gênero que não se encaixasse nos padrões masculinos ou femininos seriam sempre uma anomalia ou um transtorno. Todavia, contrapondo essa análise, no artigo “Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer”, escrito por Guacira Lopes Louro, a autora cita o

---

<sup>12</sup> Entrevista concedida por Renata Carvalho, por telefone, à autora em 05 de fevereiro de 2019.

<sup>13</sup> Entrevista concedida por Jo Clifford à autora em 17 de outubro de 2018, em São Paulo. As questões podem ser consultadas no Apêndice A.

pensamento de Judith Butler: “para se qualificar como um sujeito legítimo, como um “corpo que importa” no dizer de Butler, o sujeito se verá obrigado a obedecer às normas que regulam sua cultura” (BUTLER,1999 apud LOURO, 2006, p.7).

Torna-se evidente, mais uma vez, que a hegemonia das disciplinas rege e controla o corpo, classificando-o e julgando-o pela sua orientação sexual e identidade de gênero. O poder e as formas de discurso reprimem e negam o afeto a indivíduos que não se encaixam nos padrões normatizadores, fazendo com que o sujeito esteja sempre à mercê das regras binárias. Como mencionado no artigo Discurso, poder e sexualidade em Foucault, de Carvalho e Oliveira:

[...] o poder jamais estabelece relação que não seja de modo negativo: rejeição, exclusão, recusa, barragem ou ainda, ocultação ou mascaramento. O poder não pode nada contra o sexo e os prazeres, salvo dizer-lhes não; se produz alguma coisa, são ausências e falhas; elide elementos, introduz descontinuidades, separa o que está junto, marca fronteiras. Seus efeitos tomam a forma geral do limite e da lacuna. (CARVALHO; OLIVEIRA, 2017, p. 110).

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este artigo teve como objetivo provocar uma reflexão acerca das formas de afeto como elo que nos conecta ao outro pelo exercício do sentir, do compreender e do aceitar o diferente. A pesquisa procurou contribuir na elucidação de aspectos importantes do afeto na representação de um corpo excluído e estigmatizado como o corpo trans e se debruçou em alguns elementos-chave correlacionados ao tema, como a emoção, compreensão, comunicação, poder e corporeidade no campo sensível. Ainda que de forma superficial, a pesquisa buscou suscitar a questão da responsabilidade política que têm os agentes legitimadores da arte e da produção cultural (instituições, poder público, criadores, gestores culturais) que podem acabar perpetuando a invisibilidade de certos temas e questões. Do ponto de vista de um gestor e de sua responsabilidade ética para com as decisões sobre espaços de representação, fazem-se necessários o entendimento e a vigilância sobre a quem pertencem as narrativas e quem tem o direito de contá-las. O afeto torna-se, então, a mais importante forma de aproximação entre indivíduos, o qual rompe com os

estigmas tão sedimentados e que só fortalecem atos de exclusão e de negação dos corpos trans.

Esta pesquisa buscou dar luz ao afeto por diferentes pontos de vista, de pensadores e filósofos que se debruçaram sobre o tema à perspectiva de pessoas trans que contribuíram para um olhar acerca da potência transformadora do afeto, quando existente, e da violência simbólica e violação de direitos gerada pela ausência do mesmo.

Os campos afetivos, tão bloqueados por estigmas e padrões normativos, precisam ter seus canais livres e desobstruídos para oxigenar as relações entre os sujeitos e suas livres escolhas. Enquanto houver ódio e violência contra corpos excluídos e privados de direitos humanos, haverá a necessidade diária de abrir espaços de diálogo na sociedade. Pela arte e cultura, esse diálogo ganha uma forma criativa e inteligente de legitimar as questões e trazê-las por meios sensíveis de percepção, imaginação e aproximação com a realidade, por vezes muito dura de ser compreendida.

Este artigo foi um exercício de reflexão na busca por caminhos mais afetivos e espaços que possam, de fato, acolher as diferenças e reconhecê-las em seus direitos plenos de existência e legitimidade. Pelo fio do afeto, que se expandam os campos sensíveis, afugentando o medo e o ódio (valores engendrados no capital para o controle e a vigilância) em troca do encontro e do diálogo. E que, assim, a diferença real - em todas as suas cores, formas, gêneros e corpos - colabore na construção de sociedades que abracem e celebrem a diversidade cultural, combatendo, assim, todo e qualquer tipo de violência e preconceito.

## REFERÊNCIAS

**A IGNORÂNCIA da diversidade.** Café filosófico – A invenção do Contemporâneo com Muniz Sodré. Produção: TV Cultura. Direção: Sérgio Zeigler. Curadoria: Jorge da Cunha Lima. Campinas: Espaço Cultura CPFL, 2011. 1 vídeo (48 min). Disponível em: <<http://www.institutocpfl.org.br/2011/04/05/a-ignorancia-da-diversidade-%E2%80%93-muniz-sodre/>>. Acesso em: 3 jul. 2018.

ANTRA. **Associação Nacional de Travestis e Transexuais.** Disponível em: <<https://antrabrasil.org>>. Acesso em: 02 fev. 2019

BENEVIDES, B. G.; NOGUEIRA, S. N. B. (Org.). **Dossiê dos Assassinatos e violência contra travestis e transexuais no Brasil em 2018.** [S.l.]: Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil (ANTRA) e Instituto Brasileiro Trans de Educação (IBTE), 2019. Disponível em: <<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2019/01/dossie-dos-assassinatos-e-violencia-contra-pessoas-trans-em-2018.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2019.

CARVALHO, G. P.; OLIVEIRA, A. S. Q. Discurso, poder e sexualidade em Foucault. **Revista Dialectus**, n. 11, 2017. Disponível em: <<http://www.revistadialectus.ufc.br/index.php/ForaDoAr/article/download/366/20>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: Corpos Dóceis.** Lisboa: Edições 70, 2013.

HALL, S. **Da diáspora - Identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

JUNIOR, G. Bases no século XX, fronteiras do século XXI. **Revista Pesquisa Fapesp**, 2008. Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2008/12/01/muniz-sodre/>>. Acesso: 3 jul. 2018.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e a teoria Queer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602011000100019](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602011000100019)>. Acesso em: 20 nov. 2018.

MARTIN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

**O EVANGELHO Segundo Jesus, Rainha do Céu**. Texto original: Jo Clifford. Tradução, adaptação e direção: Natalia Mallo. Atuação: Renata Carvalho. São Paulo, 2009. Peça teatral (60 min).

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Relatório Mundial da UNESCO**: Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural. [S.l.] UNESCO, 2009. Disponível em: <[https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000184755\\_por](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000184755_por)>. Acesso em: 14 dez. 2018.

SODRÉ, M. **As estratégias sensíveis – afeto, mídia e política**. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

SODRÉ, M. Cultura, Corpo e afeto. **Revista do Programa de Pós Graduação em Dança da Universidade Federal da Bahia**, Salvador, v. 3, n. 1, p. 10-20, jan./jul. 2014. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistadanca/article/view/13161>>. Acesso em: 3 jul. 2018.

SODRÉ, M. Diversidade e Diferença. **Revista Científica de Información y Comunicación**, n. 3, 2006. Disponível em: <<http://institucional.us.es/revistas/comunicacion/3/art1.pdf>>. Acesso em: 3 jul. 2018.

SODRÉ, M. Por um conceito de minoria. In: PAIVA, R.; BARBALHO, A (Org.). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005. p. 11-14. Disponível em: <<http://www.ceap.br/material/MAT16042010145008.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2018.

THOMPSON, J. **Ideologia e cultura moderna**. 9. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1990.

## **APÊNDICE A – Entrevista com Jo Clifford**

Entrevista realizada em São Paulo, em 17 de outubro de 2018. Idioma original: Inglês.

Tradução: Liliane Rebelo.

### **Liliane – Você pode nos dizer sobre o que se trata a sua obra, O Evangelho segundo Jesus, Rainha do Céu?**

**Jo** - A peça é sobre imaginar o que aconteceria se Jesus voltasse à Terra hoje, na forma de uma mulher trans, imaginar quais seriam seus sermões, quais seriam suas histórias. Como ela faria a comunhão, como abençoaria, mas é claro que isso é apenas parte disso porque a peça é também imaginando a mim mesma como Jesus, porque quando eu era uma criança isso é o que ensinavam que você deveria supostamente fazer. Nós deveríamos ser como Jesus o máximo que pudéssemos ser, e quando estivéssemos passando por um estado de confusão ou dúvida nós nos perguntaríamos: o que Jesus faria? Então isso é algo muito maduro e ao mesmo tempo infantil. E eu escrevi o texto porque eu queria entender o porquê que quando eu comecei a viver como mulher e sair nas ruas vestida como mulher, as pessoas eram tão horríveis comigo, porque me insultavam, porque riam de mim, porque eles gritavam e abusavam de mim, porque me ameaçavam com violência, de onde aquele ódio vinha. E eu não queria entender isso só por causa das pessoas que eu encontrava na rua, mas a vergonha que eu senti sobre ser eu mesma, e eu acho que talvez pudesse ter algo a ver com o cristianismo, talvez isso pudesse ter relação com a fonte profana da história de quem você era como ser humano, então a primeira peça que eu escrevi foi sobre o Velho Testamento, com o olhar na história de Adão e Eva e a história de Jeová, e do Velho Testamento....e de lá eu migrei pro Novo Testamento e comecei a imaginar lendo os apóstolos novamente, eu era profundamente tocada por eles e eu me inspirava na sabedoria e no amor que vinha deles. E eu queria escrever sobre um trabalho de devoção, um trabalho que expressasse o meu amor pelo Jesus do Evangelho, e por isso é tão irônico que as pessoas achem que o meu trabalho é ofensivo ao Cristianismo. A intenção é completamente oposta a essa. Respondi sua pergunta?

### **Liliane - Você diria que o seu trabalho é sobre o amor?**

**Jo** - É claro que a peça é sobre o amor, porque Jesus foi um exemplo de amor e porque ele disse: ame o seu Jesus como a você mesmo, ame a seu próximo como a você mesmo, amem uns aos outros como eu amei vocês, e ele nunca disse, ame seu próximo como a você mesmo,

a menos que eles sejam transexuais, ou gays, ou negros ou qualquer outra coisa. Ame o próximo como a você mesmo.

Você tem que aprender a amar a você mesma e através desse amor você vai aprender a amar o seu próximo e vice-versa e claro que isso é uma mensagem incrivelmente importante para pessoas trans como eu, porque a sociedade que eu tenho vivido me ensinou a me odiar e me desprezar, me ensinou a ter vergonha de mim mesma. Então de alguma maneira isso é algo muito liberador para mim, e para pessoas trans, e para todas as pessoas com quem eu conversei sobre. Tem a ver com a infelicidade da irmandade masculina e feminina, tem muito estresse e sofrimento em torno dessas coisas da nossa sociedade e nós precisamos nos mover, encontrar diferentes maneiras de entender a nós mesmos e isso é também do que trata a peça.

**Liliane - Sentir, comunicar e compreender é o título do capítulo da obra usada nessa pesquisa de Sodré, que nos fornece inúmeras perspectivas e visões sobre o campo do afeto. O que é afeto para você? E qual você pensa ser a relação entre afeto e razão?**

**Jo** - A palavra afeto existe no português, não é? Eu não acho que é o mesmo que afeição. Acho que é uma palavra mais ampla.

**Liliane - É uma palavra mais ampla. Eu acho que essa palavra não existe em inglês, certo?**

**Jo** - Não temos essa palavra no inglês e isso é muito significativo não é? Isso diz muito do inglês, diz sobre como a língua inglesa tem sido usada no mundo, diz muito sobre como a Grã-Bretanha tem se visto no mundo, não como fonte de amor, mas como uma fonte de poder, de como a língua inglesa tem sido usada como uma ferramenta de conquista, de dominação do mundo natural, de outras nações, outros países, e enfim, de dominação de nós mesmos. E afeição, ou o afeto que não existe no inglês é sobre...bem, eu acho que é no mais puro sentido sobre perder controle do mundo, é sobre dizer não, não é isso que é importante. O importante é o amor que nós sentimos pelo mundo, mas é claro que amor é uma palavra bem complicada também, não expressa o que é o afeto. Afeto está lá, na medida que eu sinto afeição por alguém, é como amar alguém, mas sem quaisquer sentimento de propriedade, sem qualquer sentimento de querer fazer amor aquela pessoa, querer fazer qualquer coisa com ela, é sobre um sentimento que é completo por si só, de aquecimento, de amor, afeição. Mas afeição é algo bem raso no idioma inglês, eu acho que afeto é algo bem profundo então é uma maravilha ser convidada a pensar em seu significado de forma geral.

**Liliane - Em sua opinião, qual a diferença entre afeto e racionalidade ou como você vê essas palavras juntas?**

**Jo -** Bem,....racionalidade, razão é uma outra ferramenta de entendimento, mas entendimento no sentido de dominação, então se algo acontece a você, se você tem um sentimento empolgante por exemplo, você quer entender para poder controlar então não há nenhum controle sobre você mas afeição você tem que se doar para esse sentimento, tem que liberar todo o seu sentido de controle, você apenas tem que estar lá no sentimento, sem qualquer desejo por nada acontecer, sem qualquer desejo de mudar nada. Apenas estar lá nesse profundo e lindo amor, amor, e mais que amor que é afeto.

**Liliane - Considerando a corporeidade como uma potência afirmativa do ser, qual relevância tem o corpo na narrativa que é contada em sua obra “O evangelho segundo Jesus, Rainha do Céu”?**

**Jo -** Ok, então isso é muito mas muito importante porque eu fui treinada, a maneira que fui ensinada a sentir sobre o meu corpo foi de sentir vergonha dele, odiá-lo e eu o odiei porque era um corpo de homem, não era meu nesse sentido e também porque não era um bom corpo masculino, não era um corpo másculo forte. Era um corpo de homem louco, era um corpo fraco e eu sentia isso e eu tentei me separar deste corpo que era meu. A razão pela qual eu me tornei uma escritora foi porque eu achei que eu poderia trabalhar a minha cabeça e eu não precisaria necessariamente viver naquele corpo, que era um grande equívoco e o corpo trans, em particular, é considerado vergonhoso e o processo de transição que eu passei para parar de viver como um homem e começar a viver como uma mulher, convencionalmente desde que a sociedade me dizia que eu deveria esconder do mundo o fato de ter nascido homem, que o meu corpo de novo era fonte de vergonha, que era algo a ser escondido. E eu acho que a questão da peça O evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu e a razão de eu estar lá para me apresentar é de dizer não, não há nada de que se ter vergonha aqui, nada a temer porque é claro que isso que acontece com os corpos trans..

Se uma pessoa trans, se uma mulher transexual tem sucesso em ser desejada, se um homem a deseja como homem desejaria uma mulher, isso é algo que deixa muitos homens apavorados. Há inclusive um termo para o que acontece se um homem pensa que está em relacionamento com uma mulher e descobre que ele está em uma relação com uma mulher trans, chama-se trans-pânico, na América se um homem mata uma mulher trans naquele momento é considerado muito compreensível porque isso significa que o homem tem que enfrentar um medo muito profundo em si mesmo de ser gay.

Então os preconceitos, os tabus, o medo, a vergonha que está ao redor de um corpo trans é muito, muito grande e ficar no palco na frente das pessoas, não se envergonhar e dizer, olhem aqui estou eu, eu sou trans, olhem essa sou eu, e ver as pessoas observando isso. Muitas vezes, quando eu me apresento na frente das pessoas, é a primeira vez que elas encontram uma pessoa trans, em carne e osso, por assim dizer. Isso em si é poderoso porque eu também estou dizendo: "Eu sou quem sou, sou trans, sou um ser humano como você, não tenho vergonha, não tenho vergonha de ser quem sou e você não precisa ter vergonha de ser quem você é e eu acho que é algo muito poderoso e libertador para o público ser exposto, um convite para que eles adentrem em um mundo diferente, onde não há vergonha, na qual não temos medo de ser quem somos. Onde todos nós entendemos como a personagem da rainha Jesus disse "Nós estamos todos juntos, todos nós estamos aqui para amar e ser amado e eu acho que isso é fundamental para a peça".

**Liliane - Para Aristóteles (Livro 11, 1377B apud SODRÉ, 2006, p.27) "as paixões são todos aqueles sentimentos que alteram os homens, a ponto de afetar seus juízos e vêm acompanhados de dor e prazer, como a ira, a compaixão, o medo e seus opostos". São alguns desses sentimentos que parecem estar presentes na reação do público que assiste ou em muitos casos apenas sabem da existência da sua obra. O que você observa dessas reações humanas na experiência da peça O evangelho...?**

**Jo** - Eu observo todos os tipos de coisas. Quero dizer, é notável como as pessoas sentem uma repulsa intensa à ideia da peça, foi o que aconteceu nas primeiras apresentações em que as pessoas se manifestaram nas ruas contra a peça porque estavam revoltadas, estavam enojadas com a ideia da peça. E é isso o que tem acontecido com bastante frequência aqui no Brasil também, e é certamente o que aconteceu em Garanhuns. Foi muito interessante ouvir o relato do diretor de palco que houve uma procissão onde as pessoas com fotos de santos e da da Virgem Maria sendo carregadas nas ruas.

A mesma coisa aconteceu em Glasgow na primeira apresentação da peça, onde as pessoas trouxeram a imagem da Virgem Maria, e lá estava ela do lado de fora do teatro protestando contra a minha presença porque aparentemente eu a insultara sugerindo que ela poderia ter dado à luz uma mulher trans. Então há um poder incrível, e em geral as pessoas só odeiam o que conhecem dentro de si e que não conseguem suportar. Então, o candidato Bolsonaro é um bom exemplo de alguém que está profundamente assustado com uma parte de si mesmo que ele nem consegue admitir que existe, mas existe e o atormenta. E ele tenta escapar desse tormento ao atormentar outras pessoas, atormentando-nos especificamente. Tão profundamente trágico na forma de resposta humana. Se eu conseguir colocar essas pessoas dentro do teatro para ver a peça, então tudo muda para sempre.

Há uma imensa diferença entre esses cristãos que não viram a peça, que ficaram com nojo, e aqueles que entraram e viram e foram profundamente comovidos porque entenderam que o amor é a fonte de inspiração da peça. Sabemos pela história cristã que o próprio Jesus que pregou o Evangelho do amor inspirou o mais profundo ódio das pessoas e é por isso que ele foi crucificado. É extraordinário que uma das ameaças, uma das muitas e muitas ameaças que Renata recebeu enquanto se preparava para ir a Garanhuns, foi a de que ela seria crucificada. Eles disseram:” Se a pegarmos, nós a crucificaremos”.

Às vezes o amor inspira ódio, mas no final isso é uma espécie de tributo ao poder da peça. E talvez seja inevitável quando você escreve algo poderoso que as pessoas odeiem, às vezes tão fortemente quanto amam. A história da música é naturalmente cheia de exemplos como esse, onde as pessoas são expostas à novas músicas que odeiam, mas com o passar do tempo, acabam amando-as.

Algo muito parecido com isso está acontecendo na minha peça na Grã-Bretanha porque houve uma oposição dessas das igrejas quando estreei a peça. Mas agora estou sendo convidada pela Catedral Anglicana de Edimburgo, por exemplo, para realizar a peça lá, Fui convidada a falar com o Clero para ajudá-los a se prepararem na forma de tratamento com as pessoas trans em suas congregações de um modo amoroso e cristão.

Então, vocês sabem, as coisas mudam, as coisas se movimentam, e isso é algo muito bonito de se observar. Acho que me afastei da pergunta principal, mas foi uma questão muito inspiradora.

**Liliane- Em última análise, o que se pode perceber é que ao afetar as pessoas, trazendo-as para ver o trabalho, uma mudança acontece. O afeto seria então um instrumento?**

**Jo** - Sim, é um instrumento. Quando eu fiz a leitura com Renata no último sábado muitas mulheres trans aqui no Brasil vieram até mim e disseram: “Sua peça mudou minha vida, me permitiu sentir orgulho de quem eu sou”. Há um trecho específico da obra que diz: “Para aqueles que te perseguem por ser quem você é, o ódio é a única coisa que eles têm e isso não significa muito e eles vão perdê-lo”. No final uma mulher começou a chorar. chorar, chorar e chorar. Esse trecho da peça lhe deu esperança. Querida alma ...

E, claro, quando está tudo funcionando bem, esses sentimentos encontram a expressão no corpo em lágrimas, no riso, seja o que for. E isso só reforça a ideia de que estou fazendo um bom trabalho.

Uma vez eu ouvi sobre o caso de uma mulher trans que estava morrendo de AIDS e um padre que conhecia a peça e estava visitando-a no hospital, começou a ler o texto para ela. E o

padre me disse que quando a mulher soube do que tratava a texto, sua expressão facial toda se ergueu e ela começou a sorrir, a sorrir e a sorrir. E apesar daquela ser uma situação muito extrema, a peça trouxe conforto para ela. E conforto não é algo abstrato, é algo que acontece através do corpo.

**Liliane - Para você qual a relação entre corpo e afeto? E como isso se difere quando falamos de um corpo trans, estigmatizado pela sociedade?**

**Jo** - Bem imediatamente eu penso em minha esposa, eu penso na Susie. E como ela entrou na minha vida numa época em que eu odiava o meu corpo completamente. E ela me adorou, ela me amou, ela amou a mim toda, ela me amou fisicamente assim como emocionalmente e intelectualmente. E como isso foi incrivelmente valioso e libertador para mim. E eu penso nas minhas filhas também. As crianças quando abraçam você, quando amam você, enfim, isso foi e ainda é muito importante para mim.

**Liliane – Para que você pudesse amar o seu próprio corpo?**

**Jo** - Então eu poderia começar a me amar e amar meu próprio corpo, e foi por causa delas que eu fui capaz de primeiro me libertar e admitir para mim mesma quem eu sou. E então eu comecei o processo de parar de viver como homem que nunca me pareceu adequado para depois passar a viver como mulher. E depois, é claro, interpretar a peça foi tão libertador para mim porque muito tempo atrás o principal trauma de vergonha e medo teve origem no meu trabalho de ator fazendo personagens femininas em peças da escola. E foi assim que eu entendi que eu tinha que ser mais feliz, eu tive que entender que eu seria mais feliz vivendo como uma garota naquele tempo do que como um garoto, que aquilo me parecia melhor de alguma forma. Essa compreensão me tomou com tanto medo, vergonha e horror que eu parei de atuar, eu tentei não ter nenhuma relação com o teatro por muitos anos. Eu tentei trabalhar como romancista e é por isso que me levou 20 anos a partir daquele momento para encontrar minha voz como escritora, e a escrever *Losing Venice*, em 1985, quando eu tinha 35 anos. Foi um processo muito longo. E depois disso, foram outros 25 a 30 anos, até me encontrar novamente como atriz e descobrir a alegria e o prazer de atuar. Então todo esse processo de fazer teatro, tanto como escritora quanto como atriz, tem sido sobre a superação desse medo e estigma que eu senti como uma mulher trans. E nesse sentido, a peça foi incrivelmente libertadora para mim e eu tenho a sensação de que talvez essa seja a razão pela qual tem um impacto tão poderoso em outras pessoas também, porque não é falso, é absolutamente verdadeiro.